

Tão mal quanto no racionamento

Vicente Nunes

Da equipe do **Correio**

Como já era esperado pelo mercado financeiro, o Banco Central confirmou ontem que o fluxo de investimentos estrangeiros diretos para o Brasil está em queda. Em maio, vieram do exterior US\$ 1,428 bilhão — menos 30% em relação ao mesmo mês de 2001 —, volume insuficiente para financiar integralmente o déficit nas contas externas do país no período, de US\$ 1,8 bilhão.

Em junho, até o dia 25, os investimentos diretos somaram US\$ 700 milhões, podendo, nas projeções do chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes, fechar em US\$ 1 bilhão. Ele afirmou que, ao longo do ano, o país deverá receber US\$ 18 bilhões (pouco mais da metade de 2000). Uma estimativa otimista, de acordo com especialistas, se for levado em conta a aversão que os investidores estão tomando ao risco dos países emergentes.

O resultado das contas externas em maio só não decepcionou por completo porque o buraco nas contas externas diminuiu frente ao de abril e deve cair mais em junho. A razão para o déficit menor é o baixo crescimento da economia, refletido, principalmente, pela redução no fluxo de comércio do Brasil com o exterior. Segundo Lopes, as despesas com transporte no mercado internacional caíram de US\$ 1,252 bilhão nos cinco primeiros meses de 2001 para US\$ 841 milhões em igual período deste ano. Os gastos com importação baixaram de US\$ 19,6 bilhões para US\$ 17,5 bilhões. Também diminuíram as despesas com viagens ao exterior, por causa da expressiva alta do dólar.

“O ritmo atual da economia é semelhante ao dos momentos

mais críticos do ano passado, quando o governo teve que decretar o racionamento de energia elétrica”, admitiu Lopes. De qualquer forma, acentuou o economista do BC, é preciso registrar que o déficit de US\$ 19,027 bilhões nas contas externas acumulado em 12 meses terminados em maio é o menor desde setembro de 1996. “Como a economia vai continuar crescendo pouco até o fim do ano, revimos de US\$ 20,703 bilhões para US\$ 19,695 bilhões o déficit acumulado em 2002.”

Com as importações em baixa, Lopes ratificou a expectativa de superávit de US\$ 5 bilhões na balança comercial deste ano. As exportações deverão fechar 2002 em US\$ 58,223 bilhões contra US\$ 53,223 bilhões. “Olhado isoladamente, o superávit na balança comercial é positivo. Mas, no conjunto, as transações comerciais do Brasil estão frustrantes. Voltamos aos níveis de dois anos atrás”, analisou o diretor-executivo da Associação Brasileira de Comércio Exterior, José Augusto de Castro, lembrando que as exportações estão sendo duramente afetadas por causa da recessão argentina. Esse país já respondeu por 9% da nossa pauta de exportação. Atualmente, essa relação é inferior a 3%.

DINHEIRO ESTRANGEIRO

Lopes informou, ainda, que, para financiar a necessidade de capital estrangeiro do país neste ano, de US\$ 47,923 bilhões, o Banco Central voltou a contar com um dinheiro até então repudiado: o de curto prazo. Pelo menos US\$ 2 bilhões entrarão nessa conta, já que as fontes de financiamento de médio e longo prazo estão caindo. Em março, o BC trabalhava com um saldo negativo de US\$ 566 milhões na conta de capital de

Sérgio Amaral 23.05.02



ALTAMIR LOPES, DO BC, DIZ QUE SITUAÇÃO ATUAL SE COMPARA AOS PIORES MOMENTOS DO RACIONAMENTO DE ENERGIA

curto prazo. Agora, projeta saldo positivo de US\$ 1,593 bilhão. Esses recursos são especulativos. Correm atrás, principalmente, do lucro fácil das altas taxas de juros.

Outra notícia ruim foi a retração do mercado internacional para as empresas privadas brasileiras. Em janeiro, as companhias podiam financiar a totalidade das dívidas que estavam vencendo e ainda captarem 10% além de recursos. Hoje, as empresas conseguem, no máximo, rolar 65% dos empréstimos. O restante tem que ser pago no vencimento das operações. É a compra de dólar no mercado

interno para quitar parte das dívidas um dos principais motivos para a alta do dólar. Até o fim do ano, pelo menos US\$ 18 bilhões terão de ser quitados ou rolados entre principal e juros da dívida.

O dólar também está sendo pressionado pelas remessas de lucros e dividendos. Apenas uma instituição financeira enviou US\$ 1 bilhão para o exterior em maio, garantindo quase todo o saldo negativo nessa conta. Em maio do ano passado, as remessas alcançaram US\$ 619 milhões e, em abril, US\$ 360 milhões. Neste mês, até o dia 25, a conta lucro e dividendos estava no vermelho

em US\$ 558 milhões. Na comparação entre maio deste ano e maio do ano passado, os gastos com juros diminuíram, de US\$ 1,114 bilhão para US\$ 853 milhões. Em junho, porém, voltaram a crescer, somando, até o dia 25, US\$ 928 milhões.

O dado sobre o total da dívida externa é mais defasado: março. Mas, mesmo sem refletir a arrancada dos preços do dólar em meados de abril, o endividamento subiu US\$ 832 milhões em relação a dezembro último, sobretudo por causa do custo dos títulos com vencimento no curto prazo. A dívida externa total do país atingiu US\$ 210,766 bilhões.